



LINHA 1: Línguas e Literaturas em suas diversas conceitualizações, teorias críticas e crítica literária

Maria do Socorro Pinheiro

Professora do Curso de Letras da FECLI/UECE. Pós-Doutorado em Linguagem e Ensino – UFCG e Doutorado em Literatura e Interculturalidade – UEPB.
socorro.pinheiro@uece.br



Maria do Socorro Pinheiro

DOI: <https://doi.org/10.56814/42kfy89>

A LITERATURA E OS SETE SABERES: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA E TRANSDICIPLINAR

RESUMO: A literatura por meio de seus vários gêneros aborda questões essenciais sobre a vida. É uma área que lida com as especificidades humanas, utilizando uma linguagem metafórica, que permite a descoberta de outros possíveis modos de vida. Assim sendo, pretendemos neste trabalho discutir “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, elaborados pelo filósofo Edgar Morin (2002), a partir de textos literários, que tematizam a condição humana. Desta forma, “Os sete saberes” podem ser discutidos e analisados no contexto de sala de aula, por meio do texto literário, como um mecanismo de aprendizagem, visando a compreensão das potencialidades humanas. Nossa proposta metodológica consiste em mostrar que a poesia, gênero literário que alia as subjetividades humanas, promove a construção desses novos saberes. Para tanto, selecionamos alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Manoel de Barros e Thiago de Mello, para reflexões sobre o desenvolvimento de uma educação que integre a totalidade do ser. Esperamos que a literatura seja um espaço transdisciplinar, dialogando com outras áreas do conhecimento, para elevação, promoção e socialização humana.

Palavras-chave: Educação, Literatura, Ensino.

INTRODUÇÃO

Este texto foi publicado nos Anais da Conferência Internacional Saberes para uma cidadania planetária, 2016, realizada em Fortaleza, em comemoração aos 95 anos do sociólogo e filósofo Edgar Morin. Na época, participávamos com outros professores de uma das Rodas de Comunicação sobre o eixo temático “Experiências educacionais para implementação dos Sete Saberes para uma educação do futuro”, discutindo a importância da literatura como um dos saberes necessários para trabalhar a compreensão humana. De lá para cá, com outras leituras e com o exercício da docência, constatamos cada vez mais o papel fundamental da literatura no diálogo com o mundo por meio do imaginário e da sensibilidade como potenciais imprescindíveis na construção das subjetividades.

O desafio de uma educação integradora das potencialidades humanas visa a necessidade de relacionar outras áreas do conhecimento, para que juntas possam atender as exigências de um novo mundo, que se desponta com aparatos tecnológicos sofisticados e evoluídos. Não se pode educar isoladamente. Precisamos de todas as áreas de conhecimento para pensar numa educação que forme uma cidadania planetária. Como educar visando a capacidade humana do entendimento sem desenvolver a sensibilidade poética? Que tipo de educação pode intervir na construção de sujeitos reflexivos e atuantes no processo social e humano? São questões que nos levam a pensar, sobretudo nós educadores, que nos responsabilizamos pela formação de tantas pessoas.

Acreditamos que a literatura seja o ponto de partida para pensar uma educação integradora. As raízes da literatura estão centradas na linguagem, força mobilizadora das ações de homens e mulheres, que atuam como sujeitos discursivos na construção de um mundo mais solidário. A linguagem expressa nossa condição de existir. Por meio dela, apresentamos nossa forma de pensar e de estar no mundo. A literatura é território da linguagem, mas não de qualquer linguagem. É aquela que se veste de bordados, cores, cheiros, cifras e códigos, como afirma Drummond (1983), “Sob a pele das palavras há cifras e códigos”. É a palavra poética, plurissignificativa, metaforizada, tornada símbolo, que se reveste de beleza e de sentidos, para dar ao texto literário possibilidades de significação. A literatura concebida como símbolo apresenta outras formas de tradução da nossa existência.

Em Os sete saberes necessários à educação do futuro, elaborados por Edgar Morin (2002), observamos ser pertinente seu estudo pelo viés literário. Utilizar textos literários para discutir a educação na atual conjuntura social, política e capitalista talvez seja o mecanismo mais viável e mais confiável na busca de um entendimento do homem com

o seu meio e consigo mesmo. A literatura tem caracterizado os grandes dilemas da vida humana e por ser constituída de certas especificidades, ela alcança outras ciências. Na visão barthesiana (1977), todas as ciências estão no monumento literário. A literatura é, portanto, acolhedora de outros saberes, como afirma Joachim (2012, p. 12), sobre a função materna da literatura, “uma função de anfitriã que acolhe com a mesma frente serena em sua ampla mansão o discurso multifacetado da Ciência”.

Por meio da literatura podemos discutir os saberes da educação, aliando uma convivência dinamizada pela linguagem e pondo o ser humano em comunicação com outros seres. Para este trabalho, escolhemos a poesia, gênero capaz de lidar com realidades complexas, de tecer as sensíveis ideias e transmutá-las em imagens. Com alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Manoel de Barros e Thiago de Mello, queremos analisar as possibilidades de trabalhar a educação integradora numa abordagem estética e interpretativa, no espaço da sala de aula. A escolha por estes autores justifica-se pela pertinência temática. Evidentemente que outros poetas e poemas podem ser trabalhados em sala de aula e incluídos nas discussões sobre a educação do futuro, de forma atuante e transformadora, mas por questões didáticas e de afinidades, decidimos, para este trabalho, pela escolha dos poetas supracitados.

A LITERATURA E OS SABERES

O diálogo entre a literatura e a educação está no primado do texto, uma tradução das expectativas de mundos por meio de uma ética da consciência. A literatura cria possibilidades de mudança, de transformação, de perspectiva de vida, pois está regida pela imaginação. Segundo Bachelard (2001, p. 01), “pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é, sobretudo, a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens”. A imaginação poética constrói um mundo alicerçado pela ótica da verdade possível, mostrando-nos coisas maravilhosas.

A literatura traz em seu cerne um material humano que é também material da educação. O homem vê seus próprios dilemas representados na literatura e talvez essa identificação seja a chave para entender a complexidade “do conhecimento pertinente”, como analisa Morin (2002). Uma educação por meio da literatura garante a sobrevivência do pensamento reflexivo dotado de humanidade, sendo possível compreender o ser humano na sua dimensão multidimensional, “ao mesmo tempo, biológico, psíquico, social, afetivo e racional” (MORIN, 2002 p. 38). Precisamos acreditar numa sociedade transformadora cuja ação parta do homem e volte ao homem com a mesma força. Uma forma de viabilizar essa

ação é promover momentos de leitura de poemas em sala de aula e, em seguida, provocar discussões, por meio de rodas de conversa, texto escrito, peças teatrais, música, entre outras atividades.

O texto literário com seus mecanismos estilísticos e estéticos nos leva a perceber o mundo pelos sentidos (campo da visão, audição, tato, gustação e do cheiro), todos interligados. A percepção do todo é uma maneira de se aproximar do conhecimento pertinente e contextualizado, conforme Morin (2002). No diálogo que a literatura faz com outras ciências, com outros saberes, tende a se construir uma relação de aproximação. Segundo Barthes (1977, p. 17), “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso”. Ela não está fechada em si mesma, ao contrário, se abre para outras formas de conhecimento. Barthes (1977) enfatiza o saber que a literatura tem sobre as coisas, sobre o homem e sobre o mundo. É um saber que se mobiliza e está em conexão com diferentes saberes.

Conduzidos pela mobilidade do saber não fragmentado, podemos enfrentar as mazelas da sociedade. De acordo com Edgar Morin (2002), o homem vive compartimentado, com isso se isola, secciona e se aprisiona em seus castelos de vento. A experiência literária pode otimizar uma educação que nos ponha diante de nós mesmos, que nos integre com o cosmos e que nos faça enxergar a responsabilidade de cuidar do nosso planeta. Não fomos educados para enfrentar as condições planetárias e para manter elos com o universo. Não nos damos conta de que somos seres cósmicos, que causamos males ao planeta, e depois sofremos os impactos, por vezes, irremediáveis de nossas ações arbitrarias e estúpidas.

Como poderemos promover o surgimento de uma consciência de cidadania planetária? De que forma compreendemos o espaço social no qual estamos inseridos? Quem somos diante dessa multiplicidade de coisas que nos rodeiam? Como vemos o mundo e o outro que está ao nosso lado? Edgar Morin (2002) fala que uma das finalidades da educação do futuro é a compreensão. Mas não é uma compreensão qualquer, é a humana. O homem tem dificuldade de compreender a si mesmo e de compreender o outro homem. Também não fomos educados para essa finalidade. Ao contrário, vivemos a todo instante a disputa pelo poder e os tormentos do tempo.

A educação literária pode romper com essa chaga da incompreensão se desenvolvermos uma consciência mobilizadora. Somos seres complexos e a literatura adentra os espaços mais íntimos da nossa condição humana, como prognosticou Ítalo Calvino em suas Seis propostas para o próximo milênio (1990, p. 11), “minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar”, para promover uma abertura do pensamento. A literatura fala do homem, de suas aflições e solidariza-se com suas imperfeições. Leiamos o seguinte excerto:

Assim, podemos buscar na literatura romanesca e no cinema a consciência de que não se deve reduzir o ser à menor parte dele próprio, nem mesmo ao pior fragmento de seu passado. Enquanto, na vida comum, nos apressamos em encerrar na noção de criminoso aquele que cometeu um crime, reduzindo os demais aspectos de sua vida e de sua pessoa a este traço único, descobrimos, em seus múltiplos aspectos, os reis gangsters de Shakespeare e os gangsters reais dos filmes policiais. Podemos ver como um criminoso pode se transformar e se redimir como Jean Valjean e Raskolnikov. (MORIN, p. 88).

Ao colocar a literatura como instrumento para a compreensão humana, criamos uma pedagogia do respeito e da incorporação do outro, cultivando sua força humanizadora, como reconheceu Candido (2011). Por meio da literatura, amenizamos as incompreensões, e o lado animalesco do homem tende a se tornar menos selvagem. Estar junto do outro é o nosso grande desafio, talvez seja o maior desafio da educação na contemporaneidade.

PROPONDO METODOLOGIAS

Nossa consciência de cidadania planetária pode ser despertada e ampliada pela leitura de textos literários, que nos faz reconhecer e questionar nosso espaço social. Habilmente nossa criticidade se forma revelando uma compreensão sobre o mundo e o homem, desenvolvendo efetivamente nossa capacidade de reflexão no exercício de nossa humanidade.

Para a convivência com o texto literário, recorreremos a metodologias de leitura que privilegiem os espaços de subjetividade. O exercício de interpretação nos aproxima do texto e nos capacita a refletir, assimilar e construir relações com outros textos. A experiência com a leitura literária traz possibilidades de encontro consigo mesmo, com o outro e com a natureza, nos impulsionando a viver numa simbiose, como podemos ler no poema VI, de Manoel de Barros (2010, p. 39):

Poema VI

Desde o começo do mundo água e chão se amam
E se entram amorosamente
e se fecundam.

Nascem peixes para habitar os rios.
E nascem pássaros para habitar as árvores.
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das
suas lesmas.
As águas são a epifania da criação.
Agora eu penso nas águas do Pantanal.
Penso nos rios infantis que ainda procuram declives
para escorrer.
Porque as águas deste lugar ainda são espriadas para
alegria das garças.

O poema mostra o envolvimento entre os elementos da natureza. Água e terra se amam, se tocam e se fecundam. O homem precisa aprender com a natureza a viver o processo da criação. Ver que há um tempo de espera. Água e terra fecundam os rios, nascem os peixes, pássaros, caracóis, lesmas. No elemento água há um momento de epifania. A geração da vida está permeada pela água, trazendo a imagem da fecundação, da pureza, da força vital. O poema nos revela a beleza da natureza, seu processo de intimidade amorosa e nos provoca reflexões profundas sobre a natureza, sobretudo, o cuidado com a terra e o respeito pelo seu habitat.

É preciso criar por meio da poesia uma consciência planetária e ecológica e “ensinar a identidade terrena” (MORIN, 2002. p. 55). No poema “Borboletas”, de Manoel de Barros (2000, p. 14), verificamos a beleza de quem vive a condição de ser inseto.

Borboletas
Borboletas me convidaram a elas.
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,
um mundo livre aos poemas.
Daquele ponto de vista:
Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.
Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.
Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de
uma borboleta.
Ali até o meu fascínio era azul.

O primeiro verso é primoroso, mexe com a interioridade humana, “borboletas me convidaram a elas”. O eu poético foi seduzido pela condição insetal. Quantas coisas podem ser vistas! Há um viés filosófico nesse poema que desperta criticidade e promove ação e desejo de transformação. Questionamentos podem ser feitos aos alunos do ensino fundamental e médio: O que é ser borboleta? O que é ver o mundo na perspectiva da borboleta? O que pode representar esse fascínio azul? Muitas coisas podem ser discutidas neste poema, por exemplo, a simbologia da borboleta, seu processo de metamorfose, suas várias fases. Ser outros é ter a sensibilidade de querer renovar o mundo usando borboletas, como diz Manoel de Barros. Ter um olhar sensível é necessário na educação – “ensinar a condição humana”, como nos adverte Morin (2002, p. 43).

A importância da natureza não se articula com o pensamento do homem pela falta de consciência. A incompreensão do homem está gerando o caos planetário. A falta de um conhecimento pertinente e humanitário provoca reações desastrosas no meio ambiente. A insensatez do homem não o deixa ver que todos nós estamos interligados. O homem não sobrevive sozinho. Ele precisa da pedra, do sapo, das moscas, dos passarinhos. Qual é a configuração desse universo planetário mantido sob o jugo da tecnologia? Possivelmente um desastre intergaláctico, caso não tenhamos uma postura firme e dialógica que redimensione nossos comportamentos.

A poesia de Carlos Drummond de Andrade pode nos ajudar a pensar sobre muitas questões humanas. O poeta de Itabira sintoniza o homem diante de si mesmo, elevando sua condição de ser reflexivo, de ser que pensa. No poema “Os ombros suportam o mundo”, Drummond (1983, p. 37) ironiza a morte na vida sem Deus, sem amor, sem sonhos, se arrastando com o peso das guerras, das desordens, das fomes, dos ecos silenciosos e amortalhados de dores. Leiamos o poema:

Os ombros suportam o mundo
Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.
Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.
Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

Que tempo é esse! Podemos ver como o homem se desvencilhou da vida, da fé, do amor, dos amigos. Ele se perdeu de si mesmo. Já não adianta morrer. A velhice não importa, o amor não importa. O que fazer numa sociedade sem espírito de solidariedade? Como ensinar a ética do futuro de que fala Morin (2002), se o homem perdeu sua dimensão cósmica? Ter consciência de sua fragilidade implica no reconhecimento das limitações, no respeito pelo próximo e pela diversidade de ideias. Cada verso desse poema acende uma luz que pode iluminar as consciências nas relações humanas, para aprender a conviver com as diferenças, tendo como base “a ética do gênero humano”, (MORIN, 2002, p. 93). O poema discute as consequências do tempo moderno e o sentimento de fracasso e pessimismo.

Em “Confissão” de Drummond (2012, p. 24), há a evidente falta de amor tanto ao próximo quanto a si mesmo. Se o amor não é elemento de unidade, sua ausência se torna destruição.

Confissão
Não amei bastante meu semelhante,
não catei o verme nem curei a sarna.
Só proferi algumas palavras,
melodiosas, tarde, ao voltar da festa.
Dei sem dar e beijei sem beijo.
(Cego é talvez quem esconde os olhos
embaixo do catre.) E na meia-luz
tesouros fanam-se, os mais excelentes.
Do que restou, como compor um homem

e tudo que ele implica de suave,
de concordâncias vegetais, murmúrios
de riso, entrega, amor e piedade?
Não amei bastante sequer a mim mesmo,
contudo próximo. Não amei ninguém.
Salvo aquele pássaro – vinha azul e doido –
que se esfacelou na asa do avião.

No poema podemos ver a relação antropológica que vai se manifestando entre “o indivíduo singular e a espécie humana como um todo”, da forma como Morin (2002, p. 113) considera. O eu poético reconhece que não ama o bastante seu semelhante e nem a si mesmo. Mostra sua incapacidade diante da relação que marca e diferencia a espécie humana. Sem amor o homem não escapa da morte. Ao afirmarmos nossa identidade de seres que amam, estamos nos solidarizando com o outro e constituindo uma noção de fraternidade entre todas as mais diferentes espécies que formam nosso planeta. É o sentimento de humanidade que precisa ser cultivado entre as pessoas, como afirma Morin (2002, p. 101), “a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo, uma noção ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um”.

Nos versos há questionamentos sobre o homem esvaziado de amor, frio nos sentimentos restauradores de subjetividade. O poema nos leva a pensar sobre a forma de ser humano, diante de si mesmo, de seu reflexo, nos fazendo reconhecer “as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão” (MORIN, 2002, p. 19). A literatura nos desafia e nos inquieta com suas perguntas sem respostas, como no seguinte trecho: “Por que nascemos para amar, se vamos morrer? Por que morrer, se amamos? Por que falta sentido ao sentido de viver, amar, morrer?” (DRUMMOND, 2012, p. 56).

Outro poeta que dialoga com as ideias de Morin é Thiago de Mello (2001, p. 273), poeta amazonense, com sua poesia de emancipação. Em “Os Estatutos do Homem”, ele chama atenção para o direito à vida, aos sonhos e à liberdade. Apresentamos algumas estrofes:

Os Estatutos do Homem

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.
agora vale a vida,
e de mãos dadas,

marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo IV

Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único:

O homem, confiará no homem
como um menino confia em outro menino.

Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo XI

Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII

Decreta-se que nada será obrigado
nem proibido,
tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único:

Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII

Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo Final.

Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

Este texto pode ser trabalhado com professores(as) e alunos(as), por meio de debates sobre cada um dos artigos do poema. A atividade desperta a imaginação, provoca um desejo de liberdade e constrói uma abertura para a diversidade de ideias e de comportamentos. Outra coisa interessante nesta proposta de leitura é a construção de um momento para ouvir o outro. Costumamos não ser ouvintes. Não paramos para escutar o que a outra pessoa tem para nos dizer. A oralidade será cultivada e cada um pode manifestar sua interpretação sobre o texto.

Outros poemas de Thiago de Mello enveredam por um conteúdo que inspira coragem e solidariedade ao próximo, como no verso: “faz escuro mas eu canto, porque amanhã vai chegar” (1999, p. 60). É na perspectiva do amanhã que todos nós somos convocados para a realização de uma nova trajetória humana que não usurpe o direito de ninguém. A defesa pela vida e por uma sociedade menos medíocre deve constar como um acontecimento universal.

O sentimento de esperança se mantém na poesia de Mário Quintana, que responde às indagações do homem, revigora seu desejo de viver, inserindo-o numa prática de comunhão. Toda sua poesia é de vida e amor. É um canto que floreia nossa alma e miraculosamente apazigua nossas dores. Vejamos o poema “Emergência” de Quintana (2001, p. 12):

Emergência

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo —
para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.

A poesia nos liberta com seu vigor de luz, de ritmos, de sons, de cores. Ela nos traz a integridade e autonomia perdida. O primeiro e o último verso mostram a criação do poema como metáfora de transformação, de perspectiva e de mudança de vida. Encontra-se presente um dos elementos da natureza, o ar. O verbo respirar aparece duas vezes indicando a necessidade que temos do ar, para nos manter vivos. A poesia está nos ajudando a enxergar que todos nós estamos conectados ao outro pelo ar que respiramos. O ar nos unifica, torna-se elemento comum a todos nós que habitamos o planeta terra. Adverte-nos Morin (2002, p. 46) que “como seres vivos deste planeta, dependemos vitalmente da biosfera terrestre; devemos reconhecer nossa identidade terrena física e biológica”.

Muitos outros poemas de Mário Quintana traduzem uma simplicidade que nos delicia diante dos atropelos e dos embaraços que comumente a vida anuncia. No poema “Da observação”, o poeta nos aconselha a um comportamento de compreensão.

Da observação

Não te irrites, por mais que te fizerem...
Estuda, a frio, o coração alheio.
Farás, assim, do mal que eles te querem,
Teu mais amável e sutil recreio. (1951, p. 01).

O poema nos adverte para a tolerância com o outro, para o respeito à diversidade, para a harmonia da convivialidade. Aceitar comportamentos diferentes é elevar o grau de maturidade, é exercitar a aceitabilidade daquilo que é estranho e, às vezes, repugnante. Precisamos aprender com as diferenças, fazer delas um mecanismo de aprendizagem, o nosso “mais amável e sutil recreio”, para uma boa comunicação humana, pois, “o

desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro”, conforme Morin (2002, p. 91).

Ao ler poemas com temáticas que trazem nossa condição humana e nossa situação planetária, estamos construindo uma base reflexiva que demanda debates e possibilidades de construção de novas mentalidades. Muitos poemas trazem um viés transdisciplinar, sendo possível diferentes diálogos, envolvendo também diferentes áreas como a mitologia, a história, a antropologia, a psicologia, a ecologia, entre outras, vinculadas, portanto, à lógica da comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para desenvolver a educação planetária, o homem precisa repensar sua condição humana. Incorporar nela uma postura de sujeito pensante capaz de redimensionar sua trajetória terrena. Uma forma de cultivar esse fazer imediato é adentrar no espaço da linguagem poética. A poesia propicia um exercício extraordinário com a nossa alma. Exercita nossa sensibilidade, ameniza a indiferença, socializa nossas dores. Ela tem um material poético que responde às reflexões de Edgar Morin (2002) sobre a educação do futuro.

Os princípios que regem os saberes podem ser desenvolvidos de uma forma surpreendente. Manoel de Barros é o poeta da natureza. Drummond o poeta filosófico que carrega o sentimento de mundo. Thiago de Mello o poeta que canta a liberdade do homem. Mário Quintana o poeta da esperança. Na poesia se configura os eixos norteadores que podem ser desenvolvidos em busca de uma educação integral de qualidade, como propõe Morin (2002). Ela comporta a matéria, o infinito, o mistério. Em torno dela, um novo mundo se constrói infinitamente grande, com outras cores, outros cheiros, outras faces. A poesia renova nosso fulgor, nos introduz no cosmos das imagens, dos sonhos, das possibilidades, das outras formas de viver.

A crise da dimensão cultural atinge a identidade do homem. Pela literatura percebemos a profundidade desse drama, dos conflitos e da perda de sentido. O homem tem uma missão na terra e quando percebe sua missão se evade. Falta-lhe coragem para enfrentar o caos. A responsabilidade sobre essa missão o apavora, então recua para o deserto por falta de sensibilidade e capacidade de enfrentar as adversidades. Sua omissão tem causado uma grande confusão no mundo. Se a literatura e, em especial, a poesia responde a um projeto do homem e do mundo, logo as questões essenciais de nossa humanidade nela tratadas devem buscar o caminho da integridade, da autonomia e da reponsabilidade.

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. Posfácio Betina Bischof. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília; INL, 1983.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação e o movimento*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARROS, Manoel de. *Menino do Mato*. São Paulo: Editora Leya, 2010.
- _____. BARROS, Manoel de. *Ensaaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moises. Editora Cultrix: São Paulo, 1977.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- JOACHIM, Sébastien. *Novos aspectos da leitura*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 6ª ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- MELLO, Thiago de. Os estatutos do homem. In: PINTO, José Nêumane. *Os cem melhores poetas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- _____. *Faz frio mas eu canto*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- QUINTANA, Mário. *Espelho mágico*. Porto Alegre: Globo, 1951.
- _____. Emergência. In: MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.